

PORQUE SE ENSINA HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO NO CURSO NORMAL¹
Why is History of Civilization taught in the “Curso Normal” (Teacher Education Course)

Waldemar Tavares Paes²

(Palestra realizada na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte)

Ao iniciar esta despretençiosa palestra, em cumprimento do nosso regulamento escolar, acode-me à memória um trecho do genial Ruy Barbosa, quando, na campanha civilista, visitou a Academia de Direito de Direito de S. Paulo, onde foi armado cavaleiro destemido da justiça e cruzado valoroso da liberdade e do direito.

“Um lente da Universidade de Princetown, convidado pela Harvard a tomar parte, em França, na mutua propaganda intellectual aberta entre as duas nações, mediante uma troca annual de professores nas conferências, onde explanou o gênio da América, o meio que teve de estender aos olhos dos seus ouvintes, num só panorama, o espetáculo da superioridade de política dos Estados Unidos, o mecanismo de sua liberdade, a segurança do seu porvir, foi conduzi-los mentalmente do corpo central do Capitolio em Washington, no qual, entre as duas alas que abrigam a Camara e o Senado, funciona a Suprema Côrte Federal. “E’ a esta sala tranquillã, diz o conferente, tão nobre na sua dignidade e na sua singeleza, tão estreme de fausto e ostentação, tão distante do bulício e do tumulto, tão alagada pelo sereno resplandecer da consciência e da razão, tão eloqüente pela confiança no poder, ingênito à justiça, de se defender a si mesma, é a esta sala que eu quizéra levar o estrangeiro, curioso de saber porque acredito na vida e duração augurada à democracia americana. Esses nove homens, nos seus negros hábitos talares de Juizes, (os únicos funcionarios que ahí usam e sempre usaram uniforme), são os symbolos da consciência americana, como depositários do principio da equidade, na sua garantia suprema.”

Como aquelle notável professor, eu poderia dizer, também, aqui, nesta, sala, tão singela e tão modesta, batida apenas pela luz esplendida dos nossos céus, iluminada pelo sorriso em flor da mocidade, se está elaborando uma grande obra patriótica. Aqui, nesta sala, tão alagada por um patriotismo forte e sincero, estão sendo concretizadas as justas aspirações de um povo, orientado por um governo cujo máximo escopo tem sido a instrucção e a educação do povo mineiro. Então, ao visitante que aqui aportasse e cuja primeira impressão ao contemplar a pobreza e o desatavio desta sala fosse talvez admiração, eu diria, apontando para vós, meus nobres collegas, symbolos que sois da consciência mineira, pioneiros invictos desta campanha que procura instruir Minas para democratizar o Brasil: “Eis os homens, aos quaes está confiada a grandeza futura de Minas e do Brasil.”

De facto, aqui, neste, templo, se preparam as futuras gerações, as levas de preceptoras, que amanhã, pelo inmenso território de Minas Geraes, sairão pregando o

¹ Publicado originariamente em *Revista do Ensino*: orgam official da inspeccoria geral da instrucção. Ano V, n. 46, junho de 1930, Belo Horizonte (MG). Documento digitalizado por Rosângela Maria Castro Guimarães e transcrito por Bruno Gonçalves Borges.

² Professor da Escola Normal de Ouro Fino, em Minas Gerais.

Envangelho da Instrução, espalhando as luzes do saber, contidas no grande código do civismo, do decálogo da liberdade. Taes escolas, taes povos.

E, como preliminar exposição do thema desta palestra – “Porque se ensina história da civilização no curso normal”, basta o caso typico de Alexandre Magno, esse grande general da antiguidade, valente e destemido, generoso e nobre, que atribui todo o seu triumpho ao seu preceptor, exclamando: “Mais devo a Aristóteles que a Felipe.”

Mas, entremos no assumpto. Porque se ensina História da Civilização no curso normal? Sendo a História, na douta e magistral opinião de Cicero, “a mestra da vida”, comprehende-se, desde logo, a razão deste estudo como elemento de cultura geral, como um factor notável para a formação do espírito e para o desenvolvimento dos mais nobres e elevados sentimentos do coração humano. Como “mestra da vida”, a História ensina e educa. Ensinando-nos, Ella activa as nossas faculdades intellectuaes, habituando-nos sobre tudo ao raciocínio e ao julgamento, pela comparação entre as várias épocas e os vários grãos do progresso humano. Educando, Ella forma o caráter humano, plasmando as individualidades. E assim, pois, é natural e lógico que uma professora, cuja missão é ministrar ensinamentos, cultivar idéas e formar pela educação o caráter, conheça esta sciencia, tão intimamente ligada à vida humana, ao seu progresso e ao seu desenvolvimento.

Toda a Pedagogia encerra um conceito da vida e assim, a História, que é “a mestra da vida”, está ligada a todo e qualquer systema pedagógico. A História ensina e educa, principalmente pelo exemplo, que é o methodo intuitivo, por excelência. Assim, pois, a História é um compendio magnífico de Pedagogia, onde tudo attrae a nossa atenção, onde o exemplo surge a cada instante, na vida dos indivíduos e nos costumes dos povos.

Estudando, pois, com afinco e dedicação, esta sciencia, vós, alumnas de hoje, professoras de amanhã, podereis applicar o methodo intuitivo, tão preconizado modernamente, nas novas escolas, onde as crianças vivem como numa pequena sociedade, ilustrando o espírito e aprimorando o caráter, para os grandes embates da vida.

Já vae longe o tempo em que a escola viva segregada da sociedade e do meio em que o alumno cresce e desenvolve.

Mas, sabeis perfeitamente a força do exemplo. Elle falla e ensina mais que todos os tratados de Pedagogia. Já os antigos, com muita sabedoria, preceituavam: *verba movent, exempla trahuntur*, ou em vernáculo: *as palavras movem, os exemplos arrastam*. O mellifluo S. Bernardo ensina: *Vox oris sonat vox exempli tonat*. E Seneca, o profundo philosofo romano, dizia: - *longum iter est per precepta, breve et efficax per exempla*: *Longo é o ensino pelo preceito, breve pelo exemplo*.

E, de quantos exemplos está repleta a História da Civilização? Quantas virtudes, quantos heroísmos, quantos sacrificios foram praticados pelos nossos antepassados! A nossa civilização nada mais é que a resultante das grandes lições do passado. A História serve ainda exercitar a memória, embora não seja essa, a finalidade deste estudo. A simples nomenclatura, a chronologia e decoraçào mecânica, não constituem, por certo, a sciencia histórica. Um estudo, assim feito, seria estéril, improfícuo e contraproducente. O estudo da História consiste, sobretudo, no raciocínio, no julgamento, na investigação das causas e dos phenomenos que infuiram na marcha da civilização.

Com muita razão, o professor Lavisse, notável historiador francez, numa de suas magistraes conferencias, feita na Faculdade de Letras de Paris, assim se exprime a esse respeito: “O que importa ensinar aos alumnos é simplesmenteos feitos dos grandes povos, de outrora, em prol da civilização geral e transmittidos aos posteros por elles. Pouca importância têm os nomes do Pharaós, suas guerras, suas conquistas; os nomes das tribus de Israel, suas lutas, suas humilhações; as batalhas das guerras do Peloponeso, o detalhadas victorias romanas; os nomes dos generaes. Mas, o que importa saber: os povos do Oriente, os Egypcios, os primeiros que aprenderam a vivem em sociedade, a cultivar os edifícios. Aos Egypcios e Phenicios devemos a escripta. Israel foi o berço da religião christã e do monotheismo. Os Gregos são os artistas incomparáveis, admirados até hoje pelos seus monumentos, estatuas, templos, epopéas, tragédias, obras filosoficas ou históricas. Os Romanos, foram guerreiros e administradores e levaram a civilização para o ocidente. Artistas menos notáveis que os gregos, mas deixaram, também, monumentos celebres. Sua língua formou a nossa e finalmente, fizeram leis, que em grande parte são as nossas

E o programma do ensino normal estabelece nestas palavras a finalidade dos estudos históricos. “O estudo da História da Civilização se esforçará por tornar vivos e concretos na biographia dos grandes homens os episódios que conferem a estes homens a sua significação histórica, condensando, assim, em pinturas vivas e empolgantes, series de acontecimentos, que para se tornarem significativos e claros, sejam postas em connexão com vidas humanas capazes de lhes dar o sentido e o interesse, que só a individualidade humana é capaz de despertar e satisfazer.”

O professor deve reconstruir o passado da humanidade, aproveitando os episódios suggestivos, os feitos heróicos, os aspectos mais interessantes, que serviram para um paralelo entre as eras priscas das sociedades passadas e a vida moderna, tirando uma lição e uma solução para as grandes questões do presente. Assim o estudo será efficiente, animando, attraente educativo. O professor intelligente e dedicado saberá aproveitar as oportunidades para, por meio da historia, promover formação intellectual dos seus discípulos e animar e intensificar as suas faculdades de raciocínio, ministrando-lhes sempre um novo ensinamento. Portanto, o ensino da história da civilização foi mui sabiamente collocado entre as disciplinas do curso de applicação. A história illustrada educa, ensina a julgar e a raciocinar, é uma fonte copiosa de ensinamentos literários é um meio salutar para o alumno aprender a expor as suas idéas, adextrando o espírito, cultivando a língua, e manejar a pena com facilidade. O ensino da história deve ser feito conjuntamente com o vernáculo. Mas não é só. Um professor não poderia ter uma formação completa e perfeita, ignorando esta matéria imprescindível para a cultura geral. “Quem se apega à história, apega-se à vida” diz um professor, “logo, o principal intuito do ensino da história é desenvolver no alumno aquellas forças que melhor lhe servem para a vida.” Assim, pois, na vida commum, em livros e jornaes, nos discursos, nos parlamentos, nas cathedras, nos púlpitos e nos comícios são repetidas, muitas vezes, phrases históricas. Arriscar-se a um insucesso é o perigo que corre aquelle que despreza a leitura e o conhecimento da história. Todo individuo culto e educado deve conhecer a história dos povos e das

gerações passadas. Para educar o Delphimm, Bossuet, escreveu o seu lapidar discurso sobre a História Universal. A história é um elemento da educação. Locke já dizia: “a história é a grande preceptora da sciencia nacional e de prudência.” – “A história, diz Bacon, suppre-nos de exemplos.” Sendo a história um manancial de notáveis lições, não se pode compreender que uma normalista se submetesse aos azares do descrédito e da desconfiança por ignorar as grandes allusões históricas, as anedotas e os episódios com que constatemente deparamos em nossas relações sociaes. E o sábio organizador da reforma do ensino normal, em Minas, com a sua clarividência de estadista, ampliou o estudo desta disciplina, destacando-a do da História do Brasil.

Citarei alguns exemplos, colhidos em minhas leituras, que provam a minha argumentação e revelam a importância e necessidade dos estudos históricos. Ainda há dias, lendo um artigo firmado por notável jornalista, deparei com o seguinte trecho: “Esses governantes (o articulista se refere a um dos governos estaduaes) perderam em tal maneira o decoro que devem a seu cargo e appareceram como Epaminondas pelo avesso, pois nem brincando diziam a verdade.” – Ora, ahi está o exemplo frisando as vantagens do conhecimento da história e de seus vultos. O articulista, com muita diplomacia, chamou a esses políticos de mentirosos. Epaminondas, o heroe de Thebas, é o typo do homem sincero e leal, que nunca mentiu, nem siquer por brincadeira. Mas, sem conhecer a biographia do heroe que nos é fornecida pela história, como poderia alguém compreender a phrase do jornalista patricio, que sabia e admiravelmente aproveitou o episódio da vida do libertador de Thebas? Como compreender muitos notáveis discursos de Ruy Barbosa, onde encontramos constantemente phrases e passagens históricas? Vão ahi alguns períodos de ouro do grande mestre. Falando em Campinas, assim se expressou o genial orador: “O com que aqui vimos, é com espírito de romeiros do ideal político, visitando, em testemunho da nossa devoção a essa crença desprezada, antiga “Mecca Republicana”. Porque assim falou a Aguia de Haya? Porque conhecia a história em seus detalhes. Mecca, como sabeis, é a cidade em que nasceu Mohamet. Todo bom mussulmano era obrigado a fazer uma peregrinação áquella cidade, ao menos uma vez na vida, para visitar o tumulo do propheta. Assim, todo bom republicano, deve ir a Campinas, em peregrinação patriótica. No celebre discursosobre Castro Alves, feito na Bahia, no Theatro S. João, encontramos a seguinte referênci histórica: “Quando a uma lei destas chega o momento provincial de sua verificação, a linguagem dos que condemnam como incendiaria a propaganda precursora lembra a insânia do persa açoitado o Hellesponto: “O tu água amara”, chamavam os flaggeladores. “Eis o castigo que o nosso amo te impõe. Há de atravessar-te o rei Xerxes queiras ou não. Com razão ninguém te offerece sacrificios, falso mar! Pois que não és mais que um perfeito rio de água salgada.” E’ o celebre episodio que encontramos na guerra contra os gregos em Xerxes: vendo desaparecer nas águas e sua esquadra de 1.200 triremes, mandara chicotear o oceano. “Senhores, quando vejo bruxolear um desses pequeninos Demosthenes da diatribe, ergo a vista para o alto... e já os não diviso” (Discurso no Senado Federal, em 13/10/896.

E muitos exemplos eu poderia citar, indo buscá-los no inexgotavel filão de ouro dos discursos e escriptos de Ruy, onde vemos a cada instante o apostolo da liberdade

inspirando-se nos textos históricos. Mas não me furto ao prazer de vos ler um trecho do memorável discurso, pronunciado no Senado, em que descreveu a muniã de Sesostris e preparou arrebatadoramente com estas palavras: “Desde que eu soube pelo nobre senador que a mumia de Sesostris mexera com o dedo, já me não admirarei de que a muniã de Sesostris mexe com o corpo, que o sceptro do Egyto volva às mãos da muniã de Sesostris. Privilégio será das múmias resuscitarem antes do júizo final. E se o é, já não estranharei ver resuscitadas todas as múmias do mundo. Ahi tem razão o nobre senador por Matto Grosso: Entre as múmias “nesta sala ou fora della” não há distincção de classe.” Todas as múmias, enquanto múmias, são eguaes. Se a múmia de Ramsés II buliu com o dedo, podem as nossas também ter o seu dia de começarem a bolir com a língua. Então, ai dos vivos! Quando as múmias reinarem. Mas quando a resurreição agita as catacumbas acordadas a justiça, a verdade, a lei não se hão de metter debaixo do chão, para substituir as múmias redivivas nas covas que ellas desoccuparam. Quatro annos há que, estribado na lei, na justiça, na verdade, me bato para despertar com a barbaria do crime do “Satellite”, a consciência do Governo Brasileiro. Quatro annos as camaras legislativas me ouviram indifferentes, sem se moverem. Conclui que esse poder estava mumificado.” Eis, ahi, como de um costume egypcio proveniente da crença daquelle povo, o talento de Ruy fez um entrecho literário magnífico, profundamente irônico, mordaz e ferino. Assim, pois, ficam bem evidenciadas a razão e a necessidade do estudo da História e sua efficiencia na conquista de uma cultura geral.

Para não ser muito prolixo, citarei algumas phrases mais usadas commumente: O *deputado A... foi condemnado ao ostracismo*. O ostracismo como sabeis, era uma arma política poderosa na Grécia. O povo, na sua soberania, condemnava ao exílio aquelles que incorriam no seu desagrado. Do nome de uma concha, onde se escrevia a determinação do banimento, veio a palavra ostracismo. Aristides, o justo, soffreu esta pena, escrevendo elle próprio o seu nome na concha, a pedido de um camponez, que nem siquer o conhecia, mas que estava cansado de ouvir sempre chamal-o justo.

Festim de Balthazar – A Bíblia descreve com eloquência e vivas cores este notável episodio. Balthazar, numa orgia rudiosa, profanava os vasos sagrados do templo de Jerusalém. Jeremias, o profeta, o vade elegiáco dos hebreus, cuja harpa centava nas desditas de Judá, annunciou então o desaparecimento de Babylonia. “Convidae os povos para a guerra contra os reis da Media, a terra trem; está gemendo de dor e de receio? Pois então para cumprir-se os desígnios do Eterno, Babel será mudado em um deserto sem habitantes.” O ímpio monarcha, zombando das prophcias e dos perigos que o ameaçavam procurava, no meio das festas sumptuosas e dos opiparos banquetes, dissipar suas preocupações. No salão ornado faustosamente, a alegria era ruidosa. O vinho, o prazer e a volúpia triumphavam sobre os convivas. De repente, uma mão mysteriosa traça na parede palavras enigmáticas. O propheta Daniel é chamado para decifral-as. *Mane, Thecel, Phares*, são as palavras que o Omnipotente aqui traçou. Balthazar, aterrorizado, indaga o sentido das mesmas. Daniel replica: *Mane*, Deus contou os dias do teu reino e determinou o seu fim. *Thecel*, teus peccados e crimes foram pesados na balança da divina justiça. *Phares*, teu reino será dividido. O rei dos persas, não podendo destruir

as muralhas da cidade, desviou as águas do Euphrates e, pelo leito do rio, penetrou em Babylonia, surpreendendo Balthazar e seus convivas no seu festim orgíaco. Empregamos, pois, a phrase “Festim de Balthazar” para exprimir uma festa ruidosa, uma orgia onde há excessos, liberações, profanações.

Paris é uma Babylonia – Pelo episodio de Balthazar, vimos como Babylonia era um centro de corrupção e idolatria. Assim, nos servimos, muitas, vezes do nome daquela cidade, que já não existe, para designar os grandes centros onde, como em Londres, Paris e New York, impera o luxo, domina a riqueza e campeiam a miséria e a corrupção.

Torre de Babel – Confusão, anarchia.

Estatua de Nabuchodonosor – E’ commum a menção que se faz “aos pés de argila do colosso de Nabuchodonosor.” Como esta phrase alludimos à fragilidade das coisas humanas, ao poder precário de uma pessoa, que, ao sopro da adversidade, vê desaparecer tudo. A origem desta phrase nós a encontramos neste facto histórico: Nabuchodonosor viu, em sonho, uma grande estátua. Sua cabeça era de ouro, o peito e os braços, de prata, o ventre, de bronze as pernas de ferro e os pés, de argila. Uma pedra se destaca da montanha, attinge os pés da estátua, que se esboroam e os seus destroços são arrebatados pelo vento. E a pedra torna-se montanha immensa, que enche a terra. Daniel, o jovem propheta, depois de assim descrever o sonho a Nabuchodonosor, o interpretou, estabelecendo a successão dos impérios da Assyria, Persia, Macedonia e Roma, que por sua vez, desapareceriam e seria todos absorvidos por um grande reino universal – a Igreja Catholica. A história confirmou precisamente o vaticinio de Daniel. A Igreja Catholica é a montanha immensa que domina o mundo, é a pedra que destrói todas as heresias e erros. Applicando a phrase histórica, poder-se-ia dizer: “O Sr. Presidente da República deve sentir a tyrannia e a oppressão, como a estatua colossal de Nabuchodonosor, têm os pés de argila e podem ser destruídas pela força das consciências e da vontade de um povo cioso de suas liberdades e tradições.”

Cortar o nó gordio – Evitar uma difficuldade, contornar um obstáculo, que se nos apresentam em dada oportunidade e de cuja solução depende um successo. “Num templo de Gordio, consagrado a Jupiter, Midas, filho de Gordio, collocara o carro, sobre o qual o rei entrava em triumpho, na cidade Phrygia. O nó que prendia o jugo à lança fio dado com tal artificio que difficilmente se descobriam as pontas. Um oráculo prometera o domínio da Ásia, ao felizardo que conseguisse desatal-o: Alexandre, desembanhando a espada, cortou o “nó gordio” em vez de desatal-o, animando assim seus soldados, que reconheceram no gesto do grande general o cumprimento da palavra do oráculo.

Eureka! Eureka! – Achei! Achei! Sempre que resolvemos um problema dizemos: Eureka! Eureka! Esta phrase é de Archimedes, que, descobrindo uma lei de hydrotastica, na occasião em que tomava banho, sahiu gritando pelas ruas da cidade: Eureka! Eureka! Encontre! Encontrei! Eis ahi a historia ligada à sciencia.

Espada de Damocles – Serve para designar um perigo eminente, uma ameaça que pende sobre a cabeça de quem pareça viver feliz, na apparencia e pode ser victima de um desastre, de um momento para outro, no meio de sua própria felicidade. Damocles, cortesão de Dyonisio, o Antigo, foi tratado por este como um rei. No meio das

sumptuosidades de um festim, em sua honra, Damocles viu uma espada suspensa sobre a sua cabeça e segura por um fio tênue e delgado. Só então compreendeu a felicidade de um tyranno. Um jornalista poderia assim escrever: “A ques~toa doas candidaturas presidenciaes, como uma espada de Damocles, ameaça a nossa tranquillidade, o progresso e a felicidade da nação.”

Muitas vezes há ouvistes expressões como estas: *Sem ser Catão, considero a moda exagerada, como um início de corrupção*, ou esta outra: *E’ um velho Catão!* Pura allusão histórica. Talvez muita gente por ahí se sirva desta expressão, sem comprehender seu verdadeiro significado. Catão foi um austero cidadão de Roma, que tentou corrigir os costumes depravados dos romanos. Inimigo acérrimo do luxo, das vaidades e dos costumes gregos e do espírito hellenico, que já dominava em Roma. Catão envidou todos os esforços para resuscitar a antiga simplicidade romana. Obtendo a censura, magistratura romana que lhe dava poderes para censurar os costumes públicos e particulares, Catão, desenvolveu uma terrível campanha contra a dissolução dos costumes. Onerou com impostos avultados o luxo, as jóias e as vestes femininas. Toda a sua preocupação era “desarraigat e queimar a hydra do luxo.” Maulio foi por ordem de Catão expulso do Senado, só porque beijou a esposa, na presença da filha. Se Catão ressuscitasse e contemplasse o luxo e o fausto dos nossos dias, a elegância do “almofadinha”, a ternura da “melindrosa”, as scenas de cinema, a depravação dos costumes, certo tremeria de sustoe ficaria rubro de pudor.

Deixemos, porém, este assumpto, do contrário me tereis na conta de um professor Catão. O povo ergueu uma estatua ao austero romano, gravando nella a seguinte inscripção: “A Catão, o censor.”

Delenda Carthago – “E’ preciso destruir Carthago.” No seu grande patriotismo, no seu ódio contra os carthaginezes, Catão terminava todos os seus discursos, no Senado, com estas palavras: *Delenda Carthago*. E’ preciso destruir Carthago. Usa-se dessa expressão para mostrar a tenacidade, a persistência com que alguém deseja realizar um determinado plano, constituindo uma verdadeira ideia fixa. Assim, podemos dizer: “Como o velho Catão, repetiremos sempre – é preciso destruir a rotina em matéria de ensino e abolir os antigos systemas, os methodos archaicos, qua faziam do professor um algoz e da escola uma prisão. E’ preciso transformar a escola.

Victoria de Pyrrho – Obter um successo inesperado, provocado por uma causa fortuita. Pyrrho, rei do Epiro, trava uma batalha com os romanos em Eracléia. Os romanos, ante a vista dos elephantes, fugiram, pois não conheciam taes animaes, e foram derrotados, mas fizeram também muitos estragos nas tropas de Pyrrho. “Mais uma Victoria como esta, disse Pyrrho a Cineas, seu ministro, e terei de regressar sozinho ao Epiro.”

Veni, Vidi, Vici – Vim, vi e venci. Palavras de Cesar após uma rápida victoria contra Farnese, rei do Ponto. Com estas três palavras, Cesar participou ao Senado o seu rápido triumpho. Hodiernamente empregamos esta expressão quando conseguimentos executar qualquer projecto com rapidez e pleno triumpho. Outras phrases como esta encontrareis constantemente em escriptores nacionaes e estrangeiros.

Caminho de Damasco – Mudança radical de opinião e pensamento. E’ o episodio da conversão de S. Paulo.

Character spartano – Tempera forte.

Justiça de Salomão – Episodio que tornou celebre a sentença dada por esse rei. Com essa phrase queremos significar uma justiça perfeita, recta e imparcial.

Charrua de Cincinato – Allusão ao nobre varão romano, arrancado do cultivo dos campos para salvar a República. Cincinato é o typo do civismo romano do homem desprendido.

Fogo sagrado do patriotismo – O fogo sagrado era mantido pelas vestaes no altar da deusa Vesta. Este fogo deveria arder dia e noite. E’ mui commum o uso desta expressão.

Magdalenas arrependidas – Allusão ao episodio entre Christo e Magdalena, a pecadora. Allusão aos que, tendo comettido qualquer erro, se arrependem de suas faltas.

Curul presidencial – Havia em Roma, a cadeira curul, feita de marfim, em que se sentavam os primeiros magistrados romanos. *Curul presidencial* é, pois, a cadeira do Presidente da República, que, entre nós, embora não seja de marfim, é mui cobiçada.

Disputas, discussões bysantinas. Futilidades, polemicas sem importância, questões em que se discutem cousas sem nenhum valor deixando de lado as mais essenciaes e necessárias. O império do Oriente, Bysancio, na sua decadência, cultivou esse gênero de questões theologicas e discussões subtis, donde a denominação de bysantinismo a questões fúteis, subtilezas.

Vandalismo – Destruição. Os vândalos, povos destruidores, vindo da Germania, assolavam os paizes por onde passavam. E’ um *vândalo*, expressão com a qual designamos uma pessoa que tudo destroe, inimigo das artes e das sciencias.

O Brasil não é um feudo dos detentores do poder – Como entender esta phrase tão usada, sem o conhecimento da história? O feudo era propriedade composta de terras que os reis na idade média davam aos guerreiros que se haviam notabilizado nos combates. Esses presentes eram denominados feudos ou benefícios. Suzerano era o que concebia o feudo e quem o recebia era o vassalo.

Machiavelismo – Systema político preconizado por Machiavel, que tem como base a astucia e perfídia. Governo machiavelico, governo de perfídia, de cliadas e de hypocrisia.

Ainda há juízes em Berlim – E’ um verdadeiro provérbio que serve para revelar a existência da justiça em um paiz. Frederico, rei da Prussia, queria ampliar o parque de Sans Souci. Mas era preciso destruir a propriedade de um moleiro, que se recusava a vendel-a, pois a tinha como um patrimônio sagrado da família e dos seus antepassados.

Quando o rei ameaçou expulsal-o violentamente dos seus domínios, o moleiro replicou: Bem sei, Magestade! Mas como tomar-me o moinho? Ainda há juízes em Berlim.” Frederico, orgulhoso e satisfeito por saber que seus súbditos tinham convicção plena da justiça prussiana, desistiu do seu plano e mandou o moleiro em paz.

Waterloo – Empregamos esta palavra para exprimir a ruína completa de uma instituição ou de uma pessoa cuja prosperidade enterna. E’ allusão à baltalha de Waterloo, fim da carreira brilhantíssima de Napoleão Bonaparte.

Essa enumeração seria longa e eu não quero abusar da vossa paciência. Falando a moças, eu terminarei esta série com a célebre e poética phrase de Cornelia, mãe dos Grachos, cujo exemplo deveis sempre imitar, pois foi uma grande educadora no lar, formando heroes para a Pátria. Della se conta que, recebendo a visita de uma amiga da Campanha, esta lhe mostrou as suas joias custosas e raras. pediu depois a dama rica, a filha de Scipião, que lhe mostrasse os seus adereços e ornamentos. Cornelia apresentou-lhe: “Eis minhas joias e meus thesouros.” Eis um typo ideal do amor materno. Eis um typo ideal do amor à Pátria. Os romanos ergueram uma estatua em honra da matrona, com estes dizeres: *Cornelia mater Grachorum*. Poderia applicar a phrase do seguinte modo: “Bárbara Heliadora, pobre, amargurada, despojada de seus atavios, das gemmas preciosas e do ouro colhido à flor da terra mineira podia, contemplando o perfil da filha querida, dizer aos tyrannos e oppressores, como aquella matrona romana: “Eis minha joia. Eis minha gloria. Eis meu thesouro. já dizem os cortezãos, com insultantes sarcasmos que a soberba *mãe dos Grachos*, depois de assistir corajosa à violência brutal, estendeu os pulsos às cordas de seda da hypocrisia.” Neste trecho do notável escriptor Francisco Octaviano de Almeida Rosa, extrahido da “Tribuna Liberal” –, a “soberba mãe dos Grachos” é “a formosa província de Minas, berço das ideas liberaes.”

Assim, como estes exemplos, vistes intuitivamente a razão pedagógica do ensino de História no curso normal e que o estudo desta disciplina se impõe como uma necessidade ao jornalista, ao orador, ao conferencista, ao literato e sobre tudo professor. Poderia dar por terminada a minha tarefa e demonstrada minha these. Mas, há, ainda, um aspecto mais importante a considerar. O ensino de História, feito no curso normal, será applicado de certo modo ao da História da Pátria, ramo destacado da História da Civilização.

Leccionando às creanças, a professora muitas vezes se verá forçada, pela natureza dos factos, a referir-se à história de outros povos. A nossa linda e suggestiva História da Pátria é um episodio interessante, é uma pagina encatadora do grande poema humano e da epopéa da civilização.

Por isso, já Eduardo Prado, o elegante e vibrante escriptor patricio, disse, com muita acerto: “Se alguém entre nós fizesse a experiência de ensinar a um adolescente a História do Brasil, explicando-lhe successivamente os acontecimentos da História da Europa e pintando-lhe os seus personagens, à medida que em nossa História fossem apparecendo os effeitos daquelles acontecimentos ou a influencia daquellas figuras, esse adolescente acabaria sabendo não só a história de sua pátria, mas também quasi a história completa do Occidente, do velho mundo, dos últimos três séculos.”

Como poderá uma professora explicar, por exemplo, a descoberta do Brasil, sem falar nas descobertas marítimas, sem descrever um navio, sem fallar na bussola e até de certo modo na invenção da imprensa? Falando sobre Anchieta, esse mystico jesuíta, amigo das feras e dos pássaros que, em revoada, certa vez, vieram formar sobre a sua cabeça de santo, um docel finíssimo de plumas variegadas, para evitar o ardor dos raios do sol, o amigo índio, mestre, dramaturgo dos sertões, a professora precisa conhecer a organização da Companhia de Jesus, consequência da reforma de Luthero. Se uma creança lhe perguntar o que é um jesuíta, estará aparelhada para uma resposta, dando-lhe uma ideia concreta, clara, precisa. Falando sobre

D. João VI, a transmigração da família real e as causas que concorreram para esse episódio, a curiosidade infantil sugerirá esta pergunta: “Porque D. João VI deixou Portugal e veio para o Brasil?” A professora responderá: Porque Napoleão mandara invadir Portugal.” Mas, a creança, ainda não satisfeita retrucará: “Quem era Napoleão?” Eis a professora às voltas com a História da Civilização. A Inconfidência Mineira, implicitamente, tema as suas relações com os phenomemos sociaes que agitavam os povos. O domínio hollandez, é uma página de História da Civilização. O domínio hespanhol, a biografia de Felippe II, são páginas da história universal, também relacionadas com a nossa.

Constantemente a professora de História da Pátria se verá forçada a lançar mão de conhecimentos de História da Civilização para melhor concretizar as ideas de patriotismo, governo, sociedade e para fazer a creança entender e admirar a belleza nas nos instituições e a soberania incontestável de nossa raça, de bravos e indomáveis patriotas. Portanto, não poderá ser uma boa professora de História da Pátria a que ignora os grandes episódios das civilizações anteriores à nossa.

O ensino de História da Pátria, no curso primário, tem como principal fim despertar no espírito e na alma da creança o sentimento do patriotismo. Assim, o professor ou a professora, deve ter principalmente em mira a conquista das intelligencias infantis. O principal trabalho é concretizar esse estudo, attrahindo a atenção infantil, por meio de factos e episódios interessantes e narrações, de cuja messe é farta a nossa história.

Despertar, portanto, a atenção da creança, aproveitando suas qualidades imaginativas tão fecundas, a sua natural curiosidade, para inflammar-lhe o espírito de patriotismo, o orgulho santo de sua nacionalidade, que actuará na formação do seu character. Eis o escopo desta disciplina educadura.

Não será, por certo, a decoraçào das datas e dos nomes a finalidade de tal estudo, que assim seria um pesadelo e um tormento para os cérebros juvenis, dando-lhes uma concepção errônea do assumpto e da matéria, desvirtuando assim o programma tão sabiamente organizado pelo governo mineiro.

Lançando mão de attractivos e encantos, narrações simples e singelas, o professor ministrará à creança as noções necessárias à formação de um futuro cidadão. Procurando cultivar o sentimento patriótico, o estudo da História do Brasil deve, sobretudo, dirigir-se ao coração da creança, para formal-o ao impulso dos nobres ideaes que fizeram a grandeza das gerações passadas e farão a felicidade das vindouras. Asssim, o professor, depois de explicar a matéria, terá o cuidado de provocar a narração de um factu histórico pelo próprio alumno, associando o estudo dessa matéria ao da língua pátria. Para isso pedirá a biographia dos homens notáveis, feita pelo próprio alumno, com elle commentará os seus feitos, apontando-os como exemplos a seguir. Fará o alumno enthusiasmar-se por esses vultos, suas atividades, destacando os seus serviços à Pátria. Mostrará a gratidão que nos prende aos nossos antepassados, precursores que foram de nossa grandeza.

Insulflar na alma das creanças o civismo, plasmando-lhes o character no culto da família e da sociedade, eis a nobre e elevada missão da escola. Dramatizar, por assim dizer, a historia, apresentando os seus heroes, como num quadro vivo. A aula será o theatro. A Pátria, o grande scenario onde os heroes surgem e apparecem, ensinando, educando. Ressuscitae o passado pela comparação com o presente.

A música e os hinos patrióticos muito concorrem para facilidade da concretização dos episódios históricos. Assim, por exemplo, terminado o canto do Hymno Nacional, que as crianças entoam com tanto entusiasmo, o professor dirá algo sobre o Brasil, a sua grandeza e a sua civilização, explicando a letra do hino pátrio.

Nas escolas activas da America do Norte, são muito communs as representações históricas. Uma scena assim interpretada é melhor comprehendida, dá à criança uma Idea mais concreta do facto. Além disto, estimula o alumno e torna-o desembaraçado. A leitura em classe, de narrações históricas e livros patrióticos, acompanhada de commentarios e explicações, é muito preconizada.

Qual a criança, que não sentirá orgulho de sua nacionalidade, não amará mais intensamente o Brasil, ao ouvir a leitura do “Porque me ufano do meu paiz”, de Affonso Celso, livro admirável, verdadeira bíblia cívica, que deveria ser espalhado nas escolas.

Outros meios patrióticos são: mappas, photographias, quadros, galerias de retratos, fitas históricas, excursões escolares aos monumentos e aos locais históricos, quando possível.

As festas cívicas, sobretudo, influem muito para a educação patriótica da criança. Falando nestas nos vem logo à memória os recitativos escolares, às vezes enfadonhos e inexpressivos, tormento dos assistentes e martyrio das crianças. Quantas poesias e canções, às vezes fúteis, e até inconvenientes, são balbuciadas pelas creancinhas em semelhantes sessões, que de cívicas só tem o nome. Às vezes, num festival escolar, em commemoração de uma data nacional, são cantados “Adios, muchachos”, “Ramona”, “Torna soriento”, e relegadas as canções patrióticas e preteridas as poesias cívicas de Bilac, os versos de Alberto de Oliveira, que exaltam a nossa terra, cantando suas bellezas!

Tudo isto deveria ser substituído por ligeiras scenas históricas, em prosa ou verso e também musicadas, que deveriam ser representadas pelos próprios alumnos. Isto seria salutar para a escola e para a sociedade em que o alumno vive. A nova orientação do ensino procura attrahir, para a escola, a sociedade. Felizmente, para honra desta casa de ensino, graças aos esforços do seu illustre Director e das alumnas do curso de Applicação, estas festas têm sido verdadeiramente cívicas. Assim, o ensino de História do Brasil será útil e proveitoso. Só será digno cidadão o que conhecer a história de seu paiz, das suas instituições e o exemplo dos seus patrícios. No estudo desta matéria a criança aprenderá a julgar os feitos dos nossos heroes e terá a convicção patriótica do seu verdadeiro senso moral. Só assim a criança aprenderá a amar o Brasil “com fé e orgulho”, na expressão lapidar de Bilac.

Vejo Minas uma nova Inconfidência, tão nobre e gloriosa como a primeira.

E’ a Inconfidência contra o analfabetismo, contra a rotina. Minas republicana é a mesma heróica Minas activa de Tiradentes. O scenario mudou, não se circumscreve mais aos morros de Villa Rica. Os novos Inconfidentes são os realizadores dos sonhos que animaram os primeiros martyres.

A nova bandeira da liberdade e da democracia foi desfraldada por Antonio Carlos no alto da montanha e, como aquella cruz gloriosa que brilhou aos olhos de Constantino, vence não só em Minas, mas em todo Brasil.

O Andrada illustre, em cujas veias corre o sangue generoso dos Inconfidentes, transformou os sonhos dos martyres de Villa Rica em realizações admiráveis, creando a Universidade de Minas Geraes, espalhando escolas e despertando as consciências adormecidas, fazendo vibrar os corações no culto da democracia, que a todos garantiu pelo voto secreto. E entre os nossos Inconfidentes se encontra Francisco Campos, o jurista inconfundível, o pedagogo culto por excellencia, cérebro idealizador, alma guiadora desse movimento auspicioso.

O outro Inconfidente moderno é Mario Casasanta, que ora realiza e executa as reformas que a “Nova Inconfidência” nos trouxe.

Essa tríade gloriosa está construindo uma nova geração, dando-nos um professorado competente e sábio.

Os novos mestres da nova escola de Minas estão plasmando novos caracteres, edificando uma nova democracia, alicerçada no civismo e na instrução, fazendo de Minas a invulnerável atalaia da liberdade.

Minas é a grande educadora do Brasil na hora presente.